

Jan Stocklassa

**Stieg Larsson**

Os arquivos secretos e a sua alucinante  
caça ao assassino de Olof Palme

Tradução  
Pedro Carvalho e Guerra

*Para Berra e Mariana, onde quer que estejam!*

Na Suécia, eu tinha tomates. Sabes... é um deserto, toda a gente está bêbeda. Tudo funciona às mil maravilhas. Se parares num semáforo e não desligares o carro, há um tipo que vai ter contigo e te diz para o fazeres. Quando abres um armário de medicamentos, há um aviso escrito: «Em caso de suicídio, ligar...» Queres ver televisão e é o filme de uma operação aos tímpanos. Essas coisas assustam-me.

Lou Reed, no filme *Fumo Azul*

# Índice

Introdução .....	15
Prólogo .....	19

## PRIMEIRA PARTE

### Stieg

Dia da morte .....	37
O ódio .....	43
O mapa do assassinio .....	48
Sherlock Holmér .....	52
Victor .....	62
A queixa do procurador .....	67
Severin .....	70
No mais profundo dos arquivos .....	74
<i>Status quo</i> .....	76
Depois de Chernobil .....	78
Alfa-Hans .....	80
Stieg, primeiro contributo .....	82
Aguardando uma boa notícia .....	85

## Índice

Protocolo .....	87
Servering .....	90
Holmér ataca de novo .....	93
Não, não e sim .....	96
Missão Olof Palme .....	100
1987 .....	111
Quando os astros se alinham .....	113
Atenção: avisos .....	119
Os homens que odiavam Palme .....	123
O intermediário .....	126
Entre quem e o quê? .....	132
Deep Wedin .....	134
Gerry .....	139
A extrema-direita .....	141
Operação Apendicite .....	145
O Grande Prémio do Jornalismo .....	149
Hans II .....	152
Ebbe Carlsson ataca .....	155
Cheio de dúvidas .....	157
Um perfil de assassino .....	159
Um assassino ideal .....	164
«Trucidador» .....	167
Troféu .....	171
Cabeças duras e procedimentos .....	174
África do Sul, 1996 .....	176
Kling e Klang em África .....	180
Última oportunidade .....	183
A grande luta de Stieg .....	184
Eva .....	188
Uma nova carreira .....	191
Sete andares .....	192
Stieg morreu .....	195

SEGUNDA PARTE  
**No encaço de Stieg**

Rorschach .....	201
<i>Space syntax</i> .....	203
O homem que odiava Palme .....	208
As crianças mortas – I .....	213
As crianças mortas – II .....	216
Duplamente viúva .....	218
O bibliotecário .....	230
Análise .....	234
Lisbeth I .....	244
Anna-Lena .....	247
Lisbeth II .....	251
A caminho dos arquivos .....	253
OCR .....	255
Moscow Mule .....	258
<i>GT</i> .....	261
Com o intermediário .....	266
O intermediário – Primeiro dia .....	272
O intermediário – Segundo dia .....	280
O intermediário – Terceiro dia .....	286
Entrega .....	291
Foguetes que nunca levantarão voo .....	303
<i>The New Yorker</i> .....	309
A imagem fantasma .....	311
O assassínio, um estudo .....	315
As crianças mortas – III .....	323
Atravessar o Rubicão .....	325
No coração das trevas .....	336
A peruca .....	345
A versão italiana .....	347
Papalvo .....	351
<i>Deep State</i> .....	357

## Índice

<i>Cui bono?</i> .....	366
Interrogatório .....	372
Aquele que salvou a Suécia .....	381
Uma decisão .....	385
Jakob e Lída .....	387
Jakob – Primeiro dia .....	399
Jakob – Segundo dia .....	405
A sepultura .....	409
Regresso ao local do crime .....	416
<i>Lost</i> .....	423
<i>Alyah</i> .....	426
«M» .....	430
Revólver .....	434
Epílogo .....	453
Posfácio .....	455
Obrigado! .....	461
Galeria de personagens .....	465

## Introdução

É suposto ser tudo muito simples. Plutão é um planeta. O leite faz bem à saúde. O *diesel* é mais limpo do que a gasolina. Se nadar logo após a refeição, pode sofrer uma cãibra e afogar-se. O assassinio do primeiro-ministro sueco Olof Palme nunca será resolvido. Porém, todas as boas e velhas verdades têm um fim, e para uma delas chegou o dia. Aqui está a nova verdade: vamos descobrir quem assassinou Olof Palme.

Para mim, tudo começou em 2008, do modo mais sueco possível – se tivermos em conta todos os romances policiais escritos neste país: o assassinio de uma mulher na margem de um lago da região de Småland deu-me uma ideia para escrever um livro acerca dos locais onde são perpetrados os crimes. Um ano depois, apercebi-me de que tentar explicar a morte das pessoas era também um mal muito sueco. A polícia tinha numerosos meios técnicos à sua disposição e o assassinio desta mulher revelou-se ser fruto... de um impulso. No entanto, já tinha desistido da minha ideia inicial, totalmente absorvido pela aventura que este livro relata.

De facto, cinco anos depois, descobri os arquivos esquecidos de Stieg Larsson, entrando num mundo povoado de homens e acontecimentos que parecem saídos dos romances. De personagens tão extremas como Lisbeth Salander e Alexander Zalachenko. Quase irreais.



Homicidas e respetivas vítimas. Espiões que espiam outros espiões. Mulheres e crianças assassinados. Computadores pirateados, escutas clandestinas, operações secretas. E a morte. O mal, a morte brutal.

Mesmo que os três romances de Stieg Larsson tenham vendido mais de 80 milhões de exemplares por todo o mundo, a sua principal atividade não era escrever romances policiais. Ele dedicara toda a sua vida adulta a combater o crescimento da extrema-direita. Desde o início dos anos de 1990 que emitiu avisos contra o perigo que representava o novo partido dos Democratas Suecos. O mesmo partido que abalou a paisagem política sueca e que, 25 anos depois, faria oscilar a maioria no parlamento.

O outro grande projeto de Stieg era investigar o assassinio de Olof Palme. É algo que surge nos seus arquivos, essencialmente dedicados à extrema-direita, mas cujas investigações deslizam naturalmente para a averiguação do assassinio de Palme, obrigando-o a elaborar teses concretas, por vezes a aconselhar a polícia.

Trabalhei a partir das ideias e das hipóteses de Stieg, aprofundando sempre mais em busca das peças que completariam o *puzzle*. O quadro que aqui se desenha não se limita a explicar uma parte das circunstâncias estranhas que envolveram o crime. Também esclarece os motivos que o desencadearam. Acredito agora ter uma ideia exata do que aconteceu na Suécia antes da noite fatídica de 28 de fevereiro de 1986 e a identidade daqueles que se encontravam no local do crime nessa noite. É oferecida aqui uma solução potencial: cada um que tire as suas conclusões a partir dos factos que exponho e das conclusões que deles retiro.

O que tem entre mãos é um romance documental. Escrito como uma narrativa de *suspense* mas pensado como um documento que repõe a verdade. Pelo menos trinta páginas deste livro são diretamente da mão de Stieg – artigos, cartas, memorandos. Muitos diálogos foram transcritos palavra a palavra, outros foram romanceados a partir de documentos encontrados nos arquivos de Stieg e mais de uma centena de entrevistas. Esclareço no posfácio como encontrei o material em que o livro se baseia e como me servi dele. Se quiser mergulhar ainda

mais nos pormenores da investigação, recomendo aos suecos o relatório de mil páginas da comissão investigadora do homicídio e os livros de Gunnar Wall ou de Lars Borgnäs, dois dos maiores especialistas do caso Palme, entre outros milhares de páginas escritas relativas a este assunto. Mas aos meus compatriotas e a todos os outros digo: atenção! A investigação do assassinio de Olof Palme é um vírus maléfico que não tardará a contaminar-vos.

Há uma certa ironia no facto de ser precisamente a Suécia a nunca ter resolvido o homicídio de um dos seus homens de Estado. Este país onde tudo é qualificável, onde tudo é transparente, sofre há décadas de uma ferida aberta que nada parece conseguir sarar. Isso vai mudar.

O assassinio de Olof Palme será resolvido. Krister Peterson, o novo procurador encarregado da investigação preliminar, garante que não, o primeiro-ministro não foi assassinado por... Christer Pettersson, um criminoso toxicod dependente há muito sob suspeita. E também acredito nisso. Tanto que estou convencido que as investigações de Stieg Larsson contribuirão para apurar a verdade. Espero que com este livro.

Quando o ler, a polícia estará na posse dos elementos que aqui forneço e com eles da possibilidade de encontrar a prova necessária para a detenção de uma pessoa. De pelo menos uma pessoa.

Daqui a um ou dois anos, espero que a nova verdade seja: nós sabemos quem matou Olof Palme.

Setembro de 2018.

JAN STOCKLASSA

## Prólogo

*Estocolmo, 20 de março de 2013*

Os limpa-para-brisas lutavam contra a espessura da neve. Eu estava estacionado há mais de um quarto de hora, mas a tempestade já tinha coberto o meu *Volvo bordeaux* com uma camada de neve lisa. Os ruídos exteriores chegavam até mim abafados e a neve que rodopiava fazia-me perder a orientação, embora eu soubesse que me encontrava no parque de estacionamento em frente ao edifício em chapa ondulada do armazém.

O ruído abafado de um motor fez-me pôr a mão de fora para limpar o vidro, desalojando a humidade que escorreu numa pequena torrente ao longo do meu punho até à manga do meu casaco. Uma furgoneta prateada tinha estacionado à minha esquerda. Abriu-se a porta antes de eu ter tido tempo de desligar o motor. O homem tinha o rosto embrulhado num cachecol, o capuz da sua parca a tapar-lhe a cabeça. Fez-me sinal por cima do capô para me encontrar com ele em frente à porta de entrada. Quando cheguei ao seu lado, ele já estava a introduzir um código. Não devia ser o código correto, uma vez que puxou do seu telemóvel para telefonar a alguém. Os poucos minutos que esperámos foram tão longos como uma campanha eleitoral sueca. Os arquivos repousavam ali há dez anos e não pareciam dispostos a sair assim tão facilmente da sua existência letárgica. Por fim, a porta corredeira abriu-se e, após uma escotilha ventilada, deixou-nos

penetrar num corredor quente e seco, iluminado por encandeantes lâmpadas fluorescentes, forrado por uma fila de estores de enrolar em folha-de-flandres. Depois do frio glacial, era quase acolhedor.

Mal retirou o gorro, o cachecol e o capuz, reconheci ser Daniel Poohl, do jornal *Expo*, que me convidou a entrar. Cumprimentámo-nos antes de percorrermos o corredor, depois subimos as escadas até ao primeiro andar, onde encontrámos um corredor idêntico. Daniel parou à frente de uns estores de enrolar. Para além de uma pequena placa na qual estava gravado um número, nada indicava que tínhamos chegado ao nosso destino. Nada deixava adivinhar que o depósito que se abria à nossa frente poderia abrigar um tesouro. Um tesouro que eu esperava que nos permitisse realizar descobertas incalculáveis.

A persiana subiu rangendo, a peça no interior estava prestes a partir. Havia pilhas de caixas de cartão do chão ao teto. Estavam empilhadas umas sobre as outras em duas filas até à porta. Um olhar sobre o topo de uma das caixas de cartão fez-me saber que tinha encontrado o que procurava há tanto tempo. Podia ler-se, escrito com um marcador: ARQUIVOS STIEG.

Retirámos uma caixa da pilha. Daniel abriu a tampa, eu agarrei num molho de capas castanhas, de um modelo antiquado. Cada uma delas estava identificada na capa, numa letra perfeitamente legível. Aquela que eu segurava dizia *WACL, 1933, Resistência Internacional, Pista sul-africana, Christer Pettersson*. Senti um formigueiro nos dedos, como se as capas estivessem eletrificadas. Os títulos não deixavam qualquer dúvida: os documentos que eu tinha nas mãos diziam respeito ao assassinio do primeiro-ministro sueco, Olof Palme.

Estava ali imenso material, mais do que aquele que esperava encontrar, e começava a perguntar-me como transportar aquilo tudo.

Daniel trouxe-me de volta à realidade. Embora tivesse apenas 31 anos, era simultaneamente chefe de redação e diretor comercial do *Expo*, e já tinha atrás de si um vida dedicada à luta contra o racismo e a intolerância. Era responsável por estes arquivos, fez-me compreender que nenhum documento abandonaria o edifício sem a sua autorização e que eu não podia contar a ninguém onde se encontravam armazenados.

Autorizou-me a consultá-los no local; sendo assim, não haveria nenhum outro lugar no mundo onde eu mais desejasse estar do que nos corredores sem janelas daquele armazém em chapa ondulada, sentado sobre uma caixa de cartão, enquanto a tempestade de neve assolava o exterior. O meu tempo era limitado e teria de dar uma olhada a um pouco mais do que uma fração dos arquivos se quisesse retirar algumas conclusões acerca das ideias de Stieg.

O caminho era longo e sinuoso. Dedicar todo o meu tempo livre ao homicídio ainda por resolver de Olof Palme tinha-me arrancado ao meu próprio sofrimento pessoal. E eis que isso me levava até aos arquivos esquecidos de um dos escritores mais famosos do mundo. Não me restava mais do que retrazar as diferentes pistas. Stieg parecia defender uma teoria que implicava os serviços secretos sul-africanos, apoiados por membros da extrema-direita sueca. Quanto a mim, acreditava na tese do assassino amador. Não estávamos de acordo.

No entanto, apercebi-me de que era uma oportunidade a não perder. O material que estes arquivos continham era demasiado importante para não ser retomado. Mas eu ainda não sabia até onde esse material me levaria, nem que as minhas investigações me iriam pôr em perigo, a mim e a outros, quando me fizessem cruzar com extremistas, agentes secretos, bodes expiatórios e assassinos.



Stieg tinha enviado uma carta com sete páginas a Gerry Gable, chefe de redação da *Searchlight*, a primeira revista britânica empenhada na luta contra o racismo e modelo do *Expo* sueco. A carta tinha sido escrita menos de três semanas depois do homicídio de Olof Palme.

Estocolmo, 20 de março de 1986

Caro Gerry, caros amigos,

O assassinio do primeiro-ministro sueco, Olof Palme, é, para ser absolutamente franco, um dos assassinios mais incríveis e mais desconcertantes que tive a triste missão de investigar.

Desconcertante na medida em que este caso oscila de repente, muda de rumo, revela ininterruptamente novas descobertas, para, em seguida, dar meia volta no início do prazo seguinte. Incrível pela magnitude do terramoto político que desencadeou: foi a primeira vez na história, creio, que um chefe de Estado foi assassinado sem que se tenha a mínima ideia da identidade do seu assassino. Preocupante – todos os assassinios o são –, pois a vítima não é outra senão o primeiro-ministro, um homem verdadeiramente amado e respeitado na Suécia, quer se seja social-democrata (o que é o meu caso) ou não.

Quando o telefone tocou em minha casa no sábado, dia 1 de março, de manhã e o meu chefe de redação me informou do assassinio e me ordenou que fosse imediatamente para o escritório, senti-me mergulhado no caos. Imagine em que estado se encontraria se tivesse de escrever acerca do assassinio da senhora Thatcher e o assassino tivesse desaparecido sem deixar rasto.

E depois, o choque geral. Nessa manhã de sábado, nas primeiras horas, enquanto a notícia se disseminava por toda a Suécia adormecida, vi pessoas saírem à rua, espontaneamente, com o rosto pálido e austero. Na redação, vi repórteres criminais experientes – homens e mulheres que já viram de tudo duas vezes – pararem bruscamente de escrever, deixar cair a cabeça e deixarem correr as lágrimas.

Eu também me desfiz em lágrimas nessa manhã. Aconteceu-me no momento em que senti uma impressão desesperada de *déjà-vu*, compreendendo que era a segunda vez em menos de três anos que eu perdia um primeiro-ministro, tendo sido o anterior Maurice Bishop, de Grenada – um homem de quem eu gostava, que respeitava e em quem confiava mais do que em muitos outros. Nada de novo, não.

E depois, uma vez posta de lado a tristeza e conduzido o senhor Palme ao cemitério, chega o momento em que os repórteres se apercebem de que todo este caso não é mais do que um formidável manual de investigação detectivesca que lhes cai nas mãos. Que história!



O envelope da carta de Stieg Larsson enviada a Gerry Gable a 20 de março de 1986  
(Arquivos Stieg Larsson)

Por vezes avança ao ritmo desenfreado de um romance de Robert Ludlum. Noutros dias parece-se mais

com um crime de Agatha Christie, para se transformar em seguida num policial de Ed McBain, temperado com um toque de comédia de Donald Westlake. A posição da vítima, a incidência política, o assassino de rosto invisível, as especulações, as pistas que não levam a lado nenhum, os rumores, os lunáticos e os tipos que sabem tudo desde o início, os telefonemas, as testemunhas anónimas, aqueles que o emocionam e a impressão de que irá tudo por água abaixo de um momento para o outro – tudo isto para não levar a lado nenhum e para juntar ainda mais confusão.

Já se começam a escrever livros acerca do caso.

Em geral, os assassinos de um chefe de Estado são detidos ou mortos nos primeiros segundos ou minutos que se seguem aos factos. E a investigação é, normalmente, rapidamente fechada. Não foi o caso aqui: temos um primeiro-ministro que dá um pequeno passeio noturno com a sua esposa, sem qualquer guarda-costas no horizonte. E temos um assassino que, pura e simplesmente, se volatiliza.

E pergunto-me, sinceramente, por onde começar uma investigação na qual há, literalmente, milhares de suspeitos e não há a mais ínfima pista concreta. Desculpe toda esta conversa inicial. Não tinha intenção de me alongar neste assunto.

Em suma, há muito tempo que gostaria de lhe escrever a propósito do homicídio de Olof Palme. Comecei a escrever oito ou nove rascunhos sem acabar nenhum. Porquê? Simplesmente porque sempre que estava prestes a terminar, chegava alguém com novos elementos perturbadores que levava toda a história numa outra direção completamente diferente. E eu era obrigado a deitar fora tudo o que tinha escrito, para começar de novo.

Esta carta não é um artigo, é mais uma tentativa de resumir o que, neste homicídio, provém dos factos e o que



provém da ficção. Depois de ter vivido 24 sobre 24 horas com este caso, ao longo das três últimas semanas, ainda tenho dificuldade em afastar-me do assunto e, dado que parece, esta noite, que todas as investigações se encontram num impasse, este resumo será o meu modo de resumir o caso, fazendo uma triagem aos meus pensamentos. Se tiver de escrever alguma coisa acerca disto no próximo número, este resumo poderá ter alguma utilidade. Vou tentar referir apenas os elementos mais pertinentes.

E antes de mais, o que se passou, o que sabemos do homicídio?

Alguns minutos antes das 23 horas na noite de 28 de fevereiro, Palme deixou o cinema Grand na companhia da sua esposa e dos seu filho mais velho. A decisão de ir ao cinema tinha sido tomada durante aquela mesma sexta-feira; Palme tinha-o referido a um jornalista às catorze horas, mas o seu plano não era do conhecimento público.

O primeiro-ministro, como de costume, tinha notificado os seus guarda-costas da polícia de segurança que não necessitaria deles durante toda a noite. Era normal e todos sabiam que Palme gostava de passear sozinho, independentemente da hora, durante a noite, quando não estava em trabalho ou desde que não houvesse nenhuma razão para tomar medidas de segurança particulares. O que se desconhece por completo é se a polícia estava ou não a par dos seus planos nessa noite. Em frente ao cinema, Palme e a sua esposa despediram-se do filho e decidiram regressar a casa a pé – estava uma noite de lua cheia, com um frio comum para a Suécia. Alguns minutos depois de se terem separado, o filho apercebeu-se de que se passava qualquer coisa atrás de si e viu um homem que seguiu os pais; descreverá posteriormente as suas roupas de um modo que coincide com a descrição das roupas do atirador, mas não conseguiu ver distintamente o seu rosto.